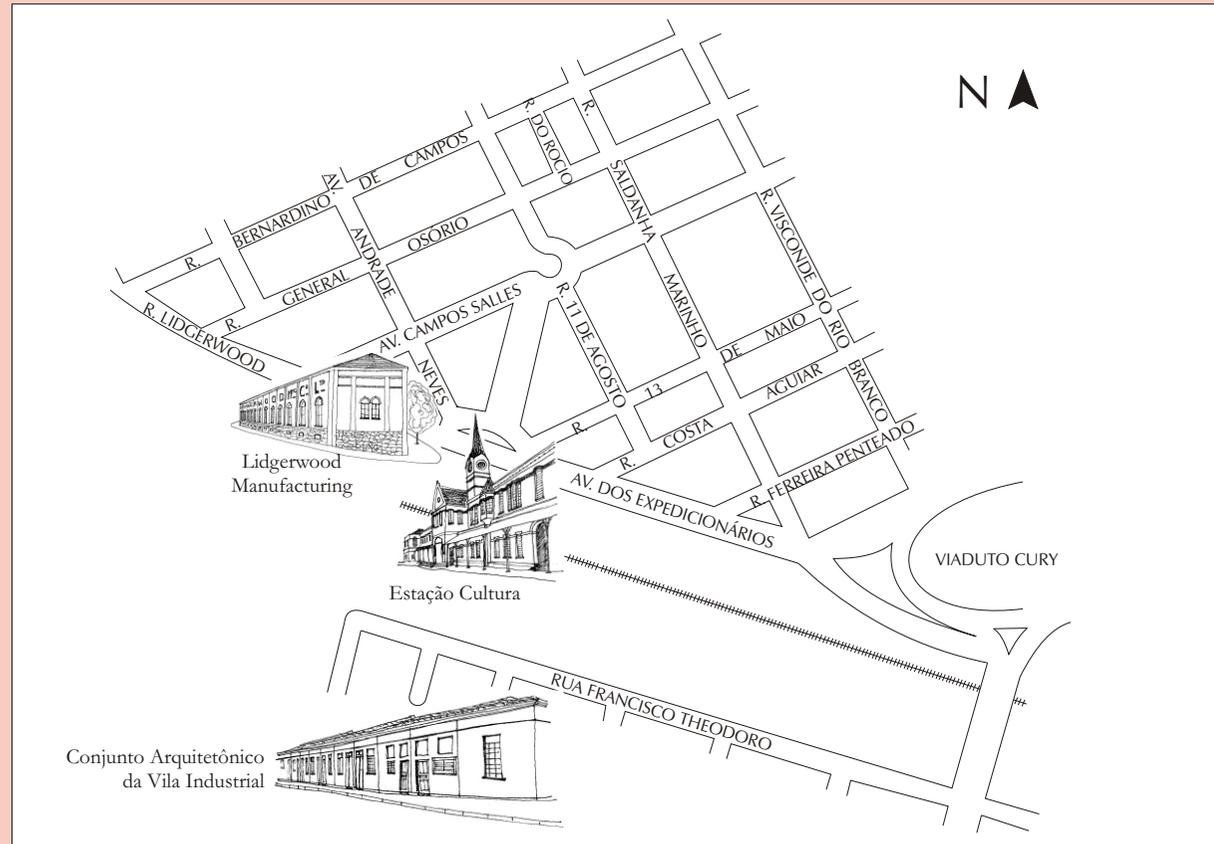


Veja onde fica o Conjunto Arquitetônico da Vila Industrial e conheça outros patrimônios que também são para todos:

DOBRE AQUI



#### EXPEDIENTE

**paraTODOS 07** 1º de outubro de 2009

Prefeito Municipal de Campinas - Hélio de Oliveira Santos  
Secretário Municipal de Cultura - Arthur Achilles Duarte de Gonçalves  
Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural - Daisy Serra Ribeiro

Concepção e editoração: Rita Francisco  
Pesquisa e Texto: Rita Francisco e Valdir Bertoldi Junior  
Projeto gráfico: Rita Francisco



**paraTODOS** É uma publicação da Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural (CSPC)

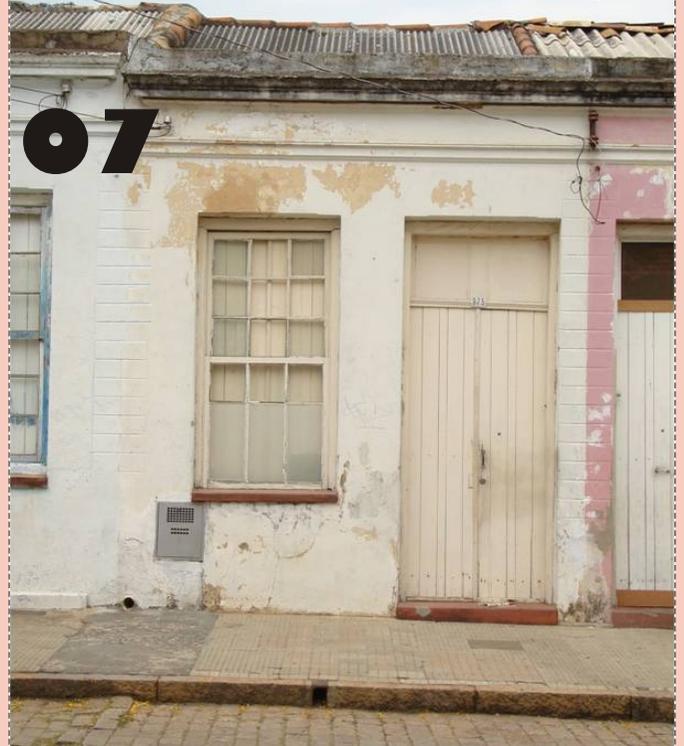
Visite nosso site: [www.campinas.sp.gov.br/cultura/patrimonio](http://www.campinas.sp.gov.br/cultura/patrimonio)  
Contato: [folhetoparatodos@gmail.com](mailto:folhetoparatodos@gmail.com)

5



# paraTODOS

Folheto do Patrimônio Cultural de Campinas



## Conjunto arquitetônico da Vila Industrial: a cidade do outro lado da linha

DOBRE AQUI

6

7

O Conjunto Arquitetônico da Vila Industrial é composto por imóveis situados nas ruas Venda Grande e Francisco Theodoro. Apresenta dois tipos de casas de diferentes épocas. Foram construídas para abrigar operários quando a cidade era dividida pela linha do trem.

## Há cidades dentro de uma mesma cidade

No final do século XIX, Campinas prosperava com a riqueza do café. Os moradores ilustres de então desejavam uma cidade limpa, organizada e, principalmente, bonita. Ao projetarem por onde passaria a linha férrea da Cia. Paulista, determinaram que ficasse nos limites do município. Criou-se, assim, uma barreira que dividiria a cidade bonita, hoje o Centro de Campinas, e outro lado, a Vila Industrial.

Não cabiam no Centro da cidade, por essa lógica, construções consideradas insalubres, não higiênicas, como curtumes, cemitérios e hospitais de doenças contagiosas. Essas ficaram do outro lado da ferrovia.

Nesse período algumas indústrias começaram a se instalar em Campinas, como é o caso da Lidgerwood. Preferia-se construir tais prédios nas proximidades das estradas de ferro, porta de entrada e saída da cidade na época. Essa nova atividade econômica atraiu para a cidade, trabalhadores de outros locais.

DOBRE AQUI

O crescimento populacional fez surgir a necessidade de um tipo específico de moradias: as vilas operárias.

As vilas operárias ficavam no entorno das indústrias e, portanto, na sua maioria, do outro lado da ferrovia. Eram também consideradas construções insalubres e por muito tempo ficaram praticamente isoladas do restante da cidade pela linha do trem.

São dois os tipos de casas tombadas pelo Condepacc sob o nome de Conjunto Arquitetônico da Vila Industrial; e cada um desses tipos corresponde a duas diferentes épocas.

De um lado da rua Venda Grande temos as casas mais antigas: geminadas e de arquitetura bastante simplificada, com fachadas marcadas apenas pelos vãos de porta e janela.

As outras casas são mais recentes, mas ainda bem antigas. São geminadas apenas de um dos lados. Contêm mais adornos nas fachadas e maior número de cômodos.

Você sabe o que são casas geminadas?

São duas ou mais casas conjugadas, encostadas uma na outra, que dividem uma parede central. Por isso, é um tipo de residência simétrica, que compartilha parte da estrutura e do telhado com outra, tendo internamente o mesmo arranjo espacial, porém espelhado a partir da parede central.

DOBRE AQUI

## Isso também é patrimônio!

Se a linha do trem dividia Campinas em duas, você consegue imaginar como é que os moradores chegavam às suas casas na Vila Industrial?

Até 1918, o único local pelo qual se podia cruzar a linha férrea era a “Porteira do Capivara”, situada numa rua onde hoje está o Viaduto Miguel Vicente Cury.

Acontece que em 1917, durante uma greve geral, a região da Estação Ferroviária transformou-se em palco de lutas sociais, integrando-se a um processo mais amplo de reivindicações, tensões e conquistas de direitos pelos trabalhadores de Campinas. Naquela ocasião, durante uma mobilização em frente à Porteira, policiais abriram fogo contra os trabalhadores, o que resultou em 16 operários feridos e três mortos.

O episódio, conhecido como “Massacre da Porteira da Capivara”, acelerou as obras de construção de um túnel de pedestres sob a ferrovia, facilitando o acesso dos moradores da Vila Industrial ao Centro e a seus locais de trabalho, que se concentravam nas proximidades das linhas férreas. Projetado em 1915, em 1918 finalmente seria inaugurado o túnel da Cia Paulista de Estradas de Ferro, realizado com o apoio financeiro da Cia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação.

